

Novas vozes renovam obra de Milton em doc.

PÁGINA 3



A saga de João Cândido chega ao Teatro Ipanema

PÁGINA 7



Ballet 'Floresta Amazônica' de volta ao Municipal

PÁGINA 8



2º CADERNO



Divulgação

Universal Music celebra as oito décadas do nascimento da cantora com versão remixada de "Elis", disco de 1973

Por **Affonso Nunes**

Nesta segunda-feira (17), Elis Regina faria 80 anos. Para celebrar as oito décadas dessa que segue sendo uma das maiores cantoras do Brasil, a Universal Music Brasil prepara uma série de homenagens. A primeira delas é o lançamento de "Elis", álbum de 1973, em versão remixada pelo produtor João Marcello

Bôscoli, filho da artista. O disco será disponibilizado em vinil, digital e em Dolby Atmos, tecnologia de som imersiva de alta fidelidade.

Além desse relançamento, estão previstas compilações digitais ao longo de 2025 e 2026, reunindo gravações extraídas dos catálogos da Universal e da EMIc. O acervo contempla registros que marcaram diferentes momentos da música popular brasileira, influenciando gerações de artistas. Elis lançou e projetou nomes como Milton Nascimento, João Bosco & Aldir Blanc, Gilberto Gil, Tim Maia, Sueli

Costa, Edu Lobo, Ivan Lins, Belchior, Renato Teixeira e Guilherme Arantes.

Sua vida foi interrompida prematuramente em 1982, mas não é exato dizer que estamos sem ela há mais de quatro décadas. A matriz de canto que ela estabeleceu segue influenciando cantoras brasileiras e estrangeiras; suas gravações continuam presentes em trilhas sonoras de novelas, séries e filmes; sua memória é constantemente celebrada em livros, documentários, espetáculos e homenagens diversas.

Continua na página seguinte

Ainda sem data definida, o relançamento do álbum “Elis” simboliza esse legado. O disco traz clássicos de sua carreira e uma sonoridade moderna para a época, construída com a banda formada por músicos do quilate de César Camargo Mariano (piano, teclados e arranjos), Paulinho Braga (bateria), Chico Batera (percussão) e Luizão Maia (baixo elétrico). Esse trabalho serviu de referência para uma abordagem de samba que influenciou artistas como, por exemplo, Djavan em seus primeiros anos.

“É um momento em que é desenhado um som pra ela, a partir de elementos como a abordagem, discreta mas fundamental, de César Camargo Mariano sobre os sintetizadores da época”, avalia João Marcello. “Se o Brasil tivesse um pensamento, em termos musicais, como sempre tiveram os Estados Unidos, essa sonoridade ganharia um nome, seria entendida quase como um subgênero. O disco documenta esse momento de virada de página, de uma nova etapa na música e também na vida. Porque ela estava entrando num novo casamento (com César Camargo Mariano), mudando-se pra São Paulo... Enfim, uma série de nuances humanas”.

João Marcello explica que a remixagem de “Elis” busca respeitar integralmente os planos originais de quem fez o disco, sem alterar sua concepção sonora, apenas aprimorando a nitidez e brilho com os recur-

Lançado em 1973, “Elis” ocupa lugar de destaque na excepcional discografia de Elis Regina, reafirmando seu lugar como a maior cantora da música brasileira. Com uma interpretação arrebatadora, arranjos sofisticados e um repertório irretocável, o álbum transcende seu tempo e permanece como uma das mais belas expressões artísticas de nossa canção popular.

Desde a abertura com “Nada Será Como Antes”, de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, Elis já demonstra seu domínio absoluto da canção, imprimindo uma força interpretativa que jaz jorrar emoção de cada verso, captando com maestria a profundidade poética da composição. Na sequência, “Vento de Maio”, dos irmãos Telo e Márcio Borges, desliza com leveza e lirismo, evidenciando sua capacidade de transitar entre delicadeza e intensidade com um jeito que só seu.

O álbum também apresenta uma das versões mais icônicas de “Águas de Março”, de

Respeito à sonoridade original

Divulgação/ Universal Music Brasil



O álbum de 1973 representa uma virada de página na carreira de Elis: o momento em que a Pimentinha alcançava sua maturidade musical

tos tecnológicos atuais. “A primeira coisa que fazemos é tirar tudo que não pertence à gravação: chiados, cliques...”, detalha o

produtor. “A gente vai no limite do que consegue extrair sem afetar o timbre do instrumento. Outra coisa: na época, as

frequências mais graves que poderiam jogar a agulha fora do sulco do vinil eram cortadas. Nessa nova versão, tudo que era ouvido dentro do estúdio está no disco. O grave do Luizão está lá pleno, assim como o bumbo da bateria. A partir da restauração, iniciamos a remixagem, sem alterar em nada seu conceito. Ou seja, se o chimbau está do lado esquerdo, ele não vai pro lado direito. Se a relação de volume entre o baixo e a bateria é aquela, é aquela que ficará. Mas o resultado final traz uma diferença muito grande. Esses microdetalhes vão dando uma clareza, as texturas originais aparecem mais”, conta.

Ainda sobre preservar a autenticidade, João Marcello segue um princípio essencial ao trabalhar com as gravações da mãe. “Não tem nenhum tipo de correção vocal de afinação na Elis. É proibido. Primeiro, porque não quero criar algo que Elis não aprovou. E, em segundo lugar, não quero passar a régua na voz para alcançar algo que não existe na natureza. Até porque a Elis usava a afinação pra interpretação. Às vezes puxa a nota um pouco pra cima ou pra baixo, de acordo com a mensagem que quer passar. Tem um jeito de atacar a nota que ela escolheu, ora indo direto, ora indo na direção dela até alcançá-la. Ela dominava aquilo. Nunca achei uma emenda nas gravações dela. É sempre um take, com a música cantada do início ao fim. É muito legal que quem está ouvindo saiba disso”, enfatiza João Marcello.

CRÍTICA / DISCO / ELIS

Arrebatamento a cada faixa

Divulgação/Universal Music Brasil



Tom Jobim. O dueto de Elis com um dos pais da Bossa Nova é um dos maiores tesouros da MPB com um jogo de vozes espontâneo e deliciosamente charmoso. O diálogo entre os dois é, de fato, uma das gravações mais exuberantes da MPB.

Outro momento inesquecível do álbum é “Atrás da Porta”, de Chico Buarque e Francis Hime. Poucas interpretações na canção brasileira atingem o nível

de emoção que Elis entrega aqui. Um canto carregado de dor e dramaticidade, visceral e arrebatador a cada nota. Com sua capacidade única de sentir e reinventar cada música que interpreta, Elis não apenas canta – ela vive a canção, tornando-a definitiva e insubstituível.

Além dos clássicos, “Elis” traz verdadeiras joias de jovens compositores da época como “Mestre Sala dos Mares”, de João Bosco e Aldir Blanc, que alia crítica social e um ritmo con-

tagiante, e “O Rancho da Goiabada”, também da dupla Bosco e Blanc, que, com ironia refinada, denuncia desigualdades em meio a uma melodia irresistível. Elis transforma essas canções em narrativas vivas, onde cada inflexão de sua voz acrescenta novas camadas de significado.

A produção primorosa de César Camargo Mariano, parceiro musical e marido de Elis à época, confere ao álbum um acabamento impecável. Seus arranjos estão na medida certa para emoldurar o talento incomparável de Elis, criando uma sonoridade que passeia com fluidez pelo samba, MPB e jazz, sempre com sofisticação e equilíbrio.

“Elis” (1973) não é apenas um álbum essencial na carreira da cantora, mas um marco na história da MPB, reafirmando o fenômeno artístico que foi essa cantora. Sua voz não apenas dá vida às composições, mas as redefine, tornando cada gravação sua um evento único e insuperável. (A.N.)

Por Affonso Nunes

O documentário “Milton Bituca Nascimento” chega aos cinemas nesta quinta-feira (20), levando o público a uma viagem pela despedida dos palcos de Milton Nascimento. Dirigido por Flavia Moraes, o filme acompanha o artista por dois anos durante “A Última Sessão de Música”, sua turnê final. Junto ao documentário, chega o álbum “ReNascimento”, que reúne novas interpretações de clássicos de Milton por artistas da nova geração da música brasileira. Sob a direção musical de Victor Pozas, que também assina a trilha do filme, o disco traz 12 faixas escolhidas pelos intérpretes e seus produtores.

Entre as regravações, Sandy canta “Travessia” acompanhada por Mateus Asato, Liniker interpreta “Encontros e Despedidas”, e Johnny Hooker divide “Paula e Bebeto” com Kell Smith. A cantora portuguesa Maro assume “Cais”, enquanto Clarissa revisita “A Festa” e Agnes Nunes interpreta “Lua Girou”. Aanalú canta “Canção do Sal”, e o Duo OutroEu apresenta “Clube da Esquina nº 2”. “Bola de Meia Bola de Gude” fica com Os Garotim, “Canção da América” ganha a voz de Tuca Oliveira, e Lucas Mamede faz uma releitura de um medley para “Ponta de Areia” e “Tudo o que Você Podia Ser”. Tim Bernardes, Zé Ibarra e Dora Morelenbaum interpretam “Anima”, cuja gravação ao lado de Milton está registrada no documentário.

As faixas “Anima”, “Lua Girou” e “Encontros e Despedidas” contam ainda com a participação da Tallin Studio Orchestra, da Estônia, onde Pozas gravou a trilha sonora do filme.

A ideia do documentário surgiu no estúdio Abbey Road, em Londres, quando Pozas sugeriu a Augusto Nascimento, filho de Milton, registrar uma sessão musical de Milton no lendário espaço onde os Beatles gravaram. A pandemia alterou os planos, mas, com o anúncio da turnê de despedida em 2022, o projeto tomou novo



A última turnê de Milton foi acompanhada do início ao fim do documentário dirigido por Flávia Moraes

Vozes do ReNascimento

Dirigido por Victor Pozas, álbum que é lançado com o documentário “Milton Bituca Nascimento” revisita a obra de Bituca na voz de uma nova geração

rumo. Para a direção, Pozas convidou Flavia Moraes, especialista em projetos internacionais.

O filme percorre Lisboa, Veneza, Londres, Barcelona, Los Angeles, Nova York, Ouro Preto, Belo Horizonte, Rio e São Paulo entre 2022 e 2023. Durante a jornada, foram colhidos depoimentos

de nomes como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, João Bosco, Sérgio Mendes, Djavan, Mano Brown, Ivan Lins, Criolo, Simone, Maria Gadú, Hamilton de Holanda e Zé Renato, além dos companheiros do Clube da Esquina, como Wagner Tiso, Márcio Borges, Lô Borges, Ro-

naldo Bastos, Beto Guedes e Toninho Horta. No cenário internacional, Quincy Jones, Spike Lee, Wayne Shorter, Herbie Hancock, Pat Metheny, Stanley Clarke, Paul Simon, Krishna Das, Steve Jordan, Fito Páez, Carminho e Esperanza Spalding também compartilham suas impressões sobre a obra de Milton.

“Milton Bituca Nascimento” é um road movie. “Seguimos Milton por quase dois anos, e o que vivemos ao seu lado foi moldando a narrativa. Não se trata de um documentário tradicional, mas de um retrato, que foi ganhando forma ao longo do caminho”, explica Flavia Moraes.

A direção de fotografia é de Pe-

dro Rocha, a montagem de Laura Brum e Flavia Moraes, e o roteiro de Marcelo Ferla e Flavia Moraes. Victor Pozas e Rafael Langoni assinam a direção musical.

Victor Pozas é compositor, multi-instrumentista e produtor musical, tem uma trajetória de 34 anos, sendo 27 deles na TV Globo, onde trabalhou em novelas, minisséries e reality shows.

Diretora, produtora e montadora, Flavia Moraes construiu uma carreira sólida com comerciais, documentários, filmes de ficção, séries de TV e espetáculos musicais. Integrante do Director’s Guild of America, foi premiada com Cannes Lions, Clio e Caboré.

A música e sempre algo mais...

Zé Renato reedita no Rival Petrobras o sarau interativo do Projeto Música+ em noite sobre o teatro

Por Affonso Nunes

Nesta quinta-feira (20) o Teatro Rival Petrobras se transforma em um espaço de troca e interação com o projeto “Música+”, conduzido pelo cantor e compositor Zé Renato. A proposta vai além do formato de um show tradicional: o palco se abre para um sarau dinâmico, um talk-show, em que música e conversa se misturam em um ambiente de proximidade com o público. Ao lado da cantora Thalma de Freitas e do autor e diretor teatral Hamilton Vaz Pereira, Zé Renato convida a plateia a participar de uma experiência que resgata a música como ponte para histórias, reflexões e sentimentos.

“Esse é um projeto muito simples, fala do cotidiano, das nossas vidas, das coisas que a gente vivencia diariamente e de como isso interfere na música, inspira canções”, explica Zé Renato.

Reedição de projeto já apresentado na Casa França-Brasil e no centro Cultural



Zé Renato recebe como convidados o autor e diretor teatral Hamilton Vaz Pereira e a atriz e cantora Thalma de Freitas (ao lado)

Banco do Brasil, o “Música+” traz à tona a relação entre assuntos do cotidiano, como gastronomia, futebol, humor, artes em geral, televisão, carnaval, política e infância, entre outros, e a inspiração musical. O show desta quinta aborda o teatro e une diálogos temáticos e canções que ajudam a traduzir as emoções e os desafios do cotidiano.

Durante a programação especial do aniversário de 91 anos do Rival Petrobras, Zé Renato apresenta o Música+ nos formatos teatro e humor e detalha sua relação com as artes cênicas. “Se não fosse música, ator seria uma coisa que gostaria de ser, tenho fascínio, isso aí me interessa muito. Não deixa de ser inspirador. Todas as coisas que a gente gosta,

Uma voz a serviço da obra de Chico

Verônica Sabino apresenta show ‘Todo o Sentimento’ nesta quinta no Blue Note

“Todo o Sentimento”, a belíssima parceria de Chico Buarque e Cristovão Bastos, foi lançada no álbum “Francisco” e rapidamente se consolidou como uma das grandes obras do cantor e compositor. Contu-



Verônica Sabino: show renovado

do, a canção ganhou destaque no cenário nacional na voz de Verônica Sabino, que a incluiu na trilha sonora da novela “Vale

Tudo” (TV Globo), no ano seguinte. Em homenagem a essa fase, Verônica decidiu rebatizar o show em que interpreta as canções de Chico Buarque com o título da música, no ano em que ele completa 80 anos.

Nesta quinta-feira (20), às 20h, Verônica Sabino se apresenta no Blue Note Rio, trazendo uma versão renovada de seu show “Eu Faço Samba e Amor”, que estreou em 2023. Nesse espetáculo, a cantora celebra o samba, a MPB e, claro, o amor, tudo por meio da obra de Chico.

Ao lado do multi-instrumentista e produtor Sérgio Chiavazzoli, também assina a direção musical do show, Verônica apresenta um repertório que reúne os maiores sucessos de Chico, cuja obra marca a história da música popular brasileira há mais de cinco décadas, se relacionando diretamente com a própria história de nosso país.

Duda Portela/Divulgação



isso acaba inspirando no nosso fazer artístico”, revela o músico.

Em meio a bate-papos descontraídos, surgem reflexões sobre alegrias, frustrações, esperanças e tudo o que move a vida. A música, com sua força emocional, costura esses encontros e amplia a compreensão do mundo ao redor. A partir desse fio condutor, Zé Renato e seus convidados promovem um encontro que une arte e pensamento, transformando o palco em um espaço de conexão.

SERVIÇO

MÚSICA+ | ZÉ RENATO E CONVIDADOS

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Coinelândia)
20/3, às 19h30
Ingressos entre R\$ 42 e R\$ 120

Com uma voz e uma interpretação repletas de emoção, Verônica percorre as diversas fases do cancionário de Chico, explorando tanto seu lado sambista quanto o romântico. Entre as músicas que fazem parte do espetáculo estão “Maninha”, “Qualquer Canção”, “Quem Te Viu, Quem Te Vê”, “Samba do Grande Amor” e “Sabiá”, todas elas já interpretadas por Verônica, mas com novas e emocionantes releituras. Amor e poesia guiam este passeio pela obra do maior compositor brasileiro vivo. (A.N.)

SERVIÇO

TUDO O SENTIMENTO - VERÔNICA SABINO CANTA CHICO BUARQUE
Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)
20/3, às 20h
Ingressos a partir de R\$ 45

Terceiro volume do projeto 'Manual Prático do Novo Samba Tradicional' se aprofunda nos elementos que inspiram a trajetória do artista e ativista carioca

Por Affonso Nunes

Marcelo D2 continua a aprofundar sua jornada pelo samba com um olhar moderno e inovador, em "Vol. 3: Luiza", o terceiro álbum de sua série intitulada "Manual Prático do Novo Samba Tradicional". Lançado nas plataformas digitais nesta quarta-feira (19), o disco dá continuidade ao projeto iniciado com o álbum "Iboru" (2023), com uma proposta ainda mais rica e intensa como o artista gosta de deixar claro.

Neste novo trabalho, D2 explora mais profundamente o conceito do Novo Samba Tradicional, misturando ritmos eletrônicos, percussão clássica e temas afetivos, criando uma fusão sonora que respeita a essência do samba, mas expande suas fronteiras.

O "Manual Prático do Novo Samba Tradicional" é uma série de quatro discos que Marcelo D2 e Luiza Machado idealizaram para revisitar o samba de forma contemporânea, explorando diferentes facetas do gênero e integrando novos elementos musicais. O projeto também é uma celebração das memórias e influências culturais das pessoas que marcaram a vida do artista, com Luiza sendo uma figura central.

"O álbum reafirma minha busca por um samba contemporâneo, que olha para o passado com reverência e se abre ao futuro com no-



PARA ENTENDER A IDENTIDADE DE Marcelo D2

Marcelo D2 e Luiza Machado, parceiros na vida e na arte

vas sonoridades e influências. E assim o movimento do Novo Samba Tradicional se fortalece, conectando diferentes épocas e mantendo a vibração do cotidiano.

"Vol. 3: Luiza" é, ainda, uma homenagem à Luiza Machado, parceira de D2 tanto na vida pessoal quanto na criação artística. O disco transforma a conexão entre os dois

em música, fazendo dessa cumplicidade o centro da obra. Enquanto o primeiro volume do projeto ("Dona Paulete") abordava a origem e os primeiros passos do artista, e o segundo ("Tia Darci") aprofundava o universo do samba, este terceiro volume traz um olhar mais íntimo e revela o encontro com Luiza como elemento inspirador para a multifacetada

obra de D2.

A estética do álbum reforça o conceito de família, que permeia a música, as letras e a própria atmosfera das gravações. As faixas transitam entre clássicos do samba e composições originais, ampliando os horizontes sonoros do movimento.

A faixa de destaque é "Lucidez",

que reinterpreta o clássico de Fundo de Quintal, trazendo uma nova versão cheia de energia, com a produção de Nave, Mário Caldato Jr. e Os Fita, que combina percussão tradicional e batidas eletrônicas.

O repertório do álbum é uma viagem sonora, com canções como "Retrato Cantado de um Amor", "Nas Águas de Amaralina", e "Filho de Jorge", além de uma peça de afeto, "Bebel" (um interlúdio dedicado à filha do casal). A capa do EP, que traz uma foto de Luiza em seu aniversário, e as imagens que acompanham o lançamento, capturam momentos do casal em sua casa, rodeados de arte e vida, criando uma atmosfera que traduz a essência do álbum.

Marcelo D2 é um dos nomes mais emblemáticos da música brasileira contemporânea, conhecido por sua habilidade em transitar entre diferentes gêneros. D2 começou sua carreira musical no final dos anos 1980, como integrante da banda Planet Hemp, que se destacou no cenário do rap nacional. O grupo se tornou um dos maiores nomes do hip-hop no Brasil, abordando temas como crítica social, liberdade e a realidade urbana, sempre com uma pegada irreverente e provocadora.

Após a fim do Planet Hemp, D2 iniciou carreira solo, se firmando como um dos principais artistas de fusão de samba com hip-hop, principalmente com o aclamado álbum "Eu Tiro é Onda" (2003). A partir daí, sua música exerce essa busca constante por inovação no samba, trazendo influências de jazz, funk, e música eletrônica.

Além de sua carreira musical, Marcelo D2 também se destacou como um ativista cultural, contribuindo para discussões sobre a identidade brasileira e o fortalecimento de nossa música e cultura no cenário internacional.

O quarto volume da série "Manual Prático do Novo Samba Tradicional" está previsto para ser lançado no próximo mês, dando continuidade ao que já se consolidou como uma das iniciativas mais significativas da carreira do artista inquieto e visceralmente contemporâneo

Netflix

Um maluco na Netflix



Querido por ala crescente da crítica e aplaudido nos festivais de Cannes e Berlim, Adam Sandler retoma o personagem Happy Gilmore para afirmar seus domínios no streaming

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Na gênese de uma carreira encarada como modelo pela comédia americana, com a média de bilheteria de US\$ 100 milhões por cada filme que lançou de 1998 a 2011, Adam Sandler foi Happy Gilmore, um atleta dos tacos consagrado nos gramados em pulverosa do filme “Um Maluco no Golfe”, de 1996. À época, ele era um ás do humor egresso dos palcos e da TV que ansiava por um lugar de destaque no cinema. Essa produção de US\$ 12 milhões fatiou em torno de US\$ 41 milhões, estabelecendo sua (boa) reputação para lotar salas de projeção à luz de trapalhões abilolados.

O longa-metragem pavimentou sua relação com os exibidores que se renderam à sua estética galhofeira, de vez, com o fenômeno “O Rei da Água”, de 1998, que custou US\$ 23 milhões e arrecadou US\$ 186 milhões. Ali seu império começou. Desde então, ele se pôs à prova muitas vezes, em dramas (“Reine Sobre Mim”), no thriller “Jóias Brutas” (sua obra-prima) e nas animações “Hotel Transilvânia”.

Arriscar-se, contudo, não significa esquecer as fórmulas que fizeram dele uma grife. Perto de chegar aos 60 anos, Sandler não deixa o passado de lado e traz Gilmore de volta, agora em seu novo lar, a Netflix. No dia 25 de julho, o golfista mais doido do audiovisual regressa para encaçapar suas bolas e o coração do público. Esta semana,

a plataforma com maior adesão do mercado de streaming lançou os reclames de “Um Maluco no Golfe 2”, que estreia no dia 25 de julho. A direção é de Kyle Newacheck.

Para não deixar a peteca do êxito cair, a voz oficial desse arlequim no Brasil, Alexandre Moreno, um Midas da dublagem nacional, foi escalado para ceder o gogó a Sandler. Ben Stiller estará com ele no elenco. Os dois contracenaram (como irmãos) no impagável “Os Meyerowitz: Família Não Se Escolhe” (2017), de Noah Baumbach, indicado à Palma de Ouro de Cannes.

Na Croisette, Sandler é divo. Um divo de respeito. Não tem esse status só lá. Em 2024, o periódico que mais investe em enquetes, a “IndieWire”, liberou em seu site

oficial uma seleção dos melhores filmes da primeira década do século XXI, os anos 2000. Assumiu “AI – Inteligência Artificial” (2001), de Steven Spielberg, como seu número 1.

Grandes sucessos de público e quindins da crítica lançados até 2009 foram incluídos pelos votantes, como a trilogia “O Senhor dos Anéis” e o .doc brasileiro “Jogo de Cena” (2007), de Eduardo Coutinho (1933-2014). Curiosamente, o aspecto que mais chamou a atenção do público leitor não foi a diversidade de cineastas lembrados (Claire Denis, Agnès Varda, Spike Lee, Hayao Miyazaki, Sofia Coppola, Lars von Trier, Lucrecia Martel, Ang Lee, Christopher Nolan) mas, sim, a escolha de um ator, muitas vezes associado a uma ideia

de mediocridade estética, como um dos destaques das narrativas contemporâneas: Sandler. Ele aparece na apuração representado por “Embragado de Amor”, de Paul Thomas Anderson (Prêmio de Melhor Direção justamente em Cannes, em 2002), e em “Tá Rindo Do Quê?”, de Judd Apatow (de 2009).

Essa dupla escolha reflete o reposicionamento de uma das estrelas mais populares do planeta em atividade, que brilhou na festa do Oscar, no dia 2 de março, ao aparecer de moletom em meio a um mar de engravatados, tirando sarro do cinema com o apresentador da cerimônia, Conan O’Brien. Há pouco tempo, ele carregou a mão no deboche em “Adam Sandler: Love You”, hoje na Netflix. É uma versão para as telas de seu espetáculo stand-up, no qual ele canta e faz piada com seu jeitão muito peculiar de atuar. Jeitão esse que vem arrebatando elogios (um pouco como aconteceu com Jerry Lewis na virada dos anos 1950 para a década de 1960), ocupando novos e consagradores espaços. Um dos indícios de que ele virou cult foi a inclusão de seu longa anterior, a sci-fi “O Astronauta” (“Spaceman”) no Festival de Berlim.

Convocado para dividir com George Clooney o protagonismo do novo longa do supracitado Noah Baumbach (“Jay Kelly”, já rodado), o comediante, roteirista e produtor de 58 anos participa ainda da nova trama dos irmãos Josh e Benny Safdie, diretores responsáveis por seu trabalho mais badalado nos últimos 20 anos: “Jóias Brutas”, também mencionado acima. Tudo o que tem pela frente tem potencial de ampliar a audiência da Netflix. Na segunda metade da década da passada, ele fez daquele streaming sua base de operações, ciente de que as cifras de suas fitas, em circuito, corriam o risco de baixar. O regresso de Gilmore, em “Um Maluco No Golfe 2” é uma forma de relembrar os passos que deu antes do estrelato e dar um recado à carterice das patrulhas ideológicas que ceifaram o espaço do humor, sob o garrote da correção política. Largar o osso da graça é algo que Sandler não vai fazer... para a nossa alegria.

Salve o Almirante Negro!

Cia. Cerne apresenta 'Turmalina 18-50', espetáculo sobre João Cândido e sua luta contra o racismo na Marinha

Por Affonso Nunes

A Cia. Cerne retorna ao Rio de Janeiro com apresentações gratuitas de "Turmalina 18-50", peça que resgata a trajetória de João Cândido, o Almirante Negro immortalizado na canção "Mestre Sala dos Mares". O espetáculo, indicado ao Prêmio Shell em 2022, tem dramaturgia e direção de Vinícius Baião, pesquisa de Luiz Antonio Simas e conta com as atuações de Diogo Nunes, Gabriela Estolano, Graciana Valladares, Higor Nery, Leandro Fazolla e Madson Vilela. A temporada acontece de 20 a 23 de março no Teatro Ipanema, seguindo depois para arenas culturais nas zonas Norte e Oeste da cidade.

Sob a supervisão de Rodrigo França, a montagem destaca a relação de João Cândido com a água e os caminhos que marcaram sua vida. O título da peça faz referência ao endereço onde o líder da Revolta da Chibata viveu seus últimos anos, na Baixada Fluminense. A narrativa constrói paralelos entre a Marinha, a pesca, os portos e a devoção a São João Batista, reforçando a identidade e o simbolismo presentes na história do marinheiro.

Com patrocínio da Prefeitura do Rio de Janeiro, via edital Foca, "Turmalina 18-50" expõe os abusos sofridos pelos marinheiros negros no início do século XX e a luta contra o esquecimento histórico da



Em 'Turmalina 18-50', João Cândido rememora o levante de 1910 que culminou no fim dos castigos físicos impostos pela Marinha aos militares negros. Os líderes do movimento pagaram um preço alto por sua luta



João Cândido foi absolvido em julgamento militar, mas foi vítima de apagamento até morrer no ostracismo na década de 1960

Revolta da Chibata. O espetáculo revisita os últimos dias de João Cândido, figura fundamental na resistência contra o racismo institucional, que terminou seus dias em meio à pobreza e ao descaso do Estado.

Gaúcho de Encruzilhada do

Sul, João Cândido Felisberto (1880-1969) ingressou na Marinha aos 13 anos, permanecendo na instrução por 15 anos e sendo açoitado em pelo menos nove ocasiões e preso em solitária a pão e água, conforme documentos oficiais da força naval. O uso da chibata era

forma de punição na Marinha, uma prática usada no período da escravidão e que se seguiu mesmo após a Abolição em 1888.

Embora tenham conseguido o fim dos castigos físicos na instituição, muitos dos líderes do movimento foram perseguidos, presos ou expulsos. João Cândido foi preso e colocado em uma cela insalubre, onde vários companheiros morreram. Após ser absolvido em um julgamento militar, foi expulso da Marinha e viveu o resto da vida na pobreza, trabalhando como pescador e estivador. Seu reconhecimento oficial só veio décadas depois.

Outros marinheiros envolvidos no levante foram deportados para colônias penais, como a de Clevelandia, no Amapá, onde muitos morreram devido às condições brutais de trabalho e doenças. Alguns conseguiram escapar ou se reinserir anonimamente na sociedade, mas sem qualquer reparação ou reconhecimento.

A Revolta da Chibata foi um marco na luta contra o racismo e a opressão no Brasil, mas seus líderes pagaram um preço alto pela resistência.

A tentativa de excluir esse personagem da história oficial foi tanta que a própria canção que João



Episódio marcante na história brasileira, a Revolta da Chibata recebeu destaque na imprensa da época. O assunto foi a principal manchete do Correio da Manhã em novembro de 1910

Bosco e Aldir Blanc fizeram em sua lembrança foi censurada e os versos "salve o almirante negro / que tem por monumento / as pedras pisadas noi cais" por "salve o navegante negro / que tem por monumento / as pedras pisadas noi cais". Mesmo assim, tornou-se símbolo vivo da resistência e inspiração para gerações que lutam por igualdade racial no Brasil.

Fundada em 2013 na Baixada Fluminense, a Cia. Cerne se consolidou como uma das principais companhias teatrais do Rio de Janeiro. Com circulação por dez estados e presença em diversos festivais, a companhia acumula mais de 60 prêmios, incluindo o Prêmio Shell pela dramaturgia de "Três Irmãos" e o Prêmio CBTIJ por adaptações de clássicos infantis.

SERVIÇO

TURMALINA 18-50
Teatro Ipanema (Rua Prudente de Moraes, 824 - Ipanema)
De 20 a 23/3, quinta a sábado (20h) e domingo (19h)
Entrada franca

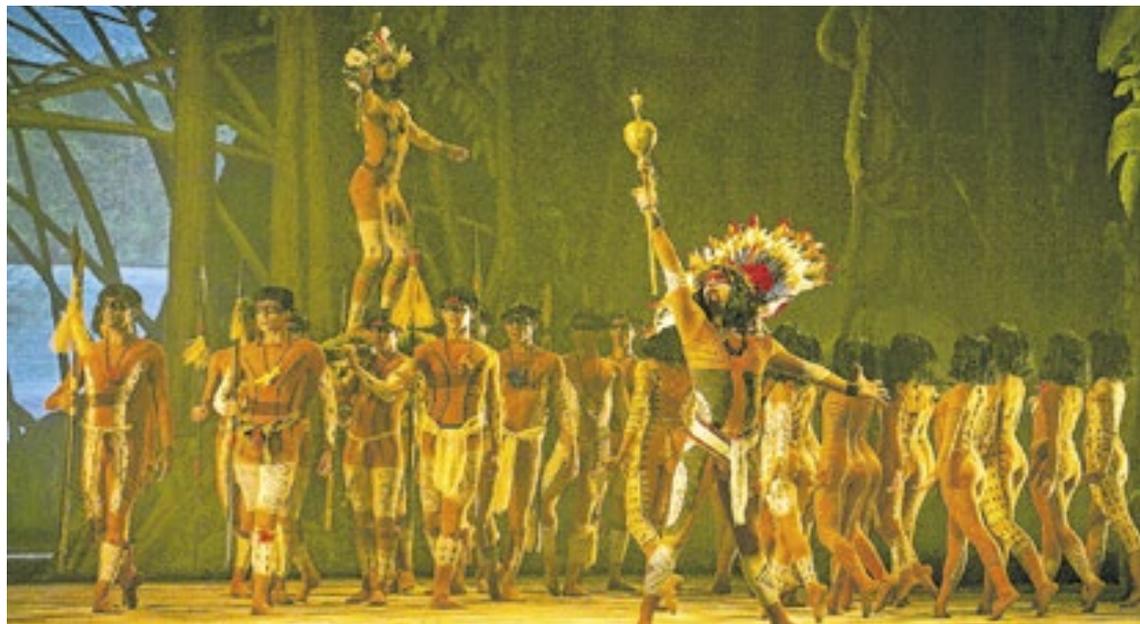
Divulgação

Um ballet 100% brasileiro

Na comemoração dos 40 anos de sua estreia, 'Floresta Amazônica', de Dalal Achcar, recebe nova montagem no Theatro Municipal



'Floresta Amazônica' conta a história do romance entre um homem branco e uma deusa da floresta, que, por amor ao estrangeiro, transforma-se em mulher. A paixão entre eles é vista pelos indígenas como profana



coreografia, que conta com a colaboração de Sir Frederick Ashton, é acompanhada por cenários e figurinos de José Varona e iluminação de

Felício Mafra, assegurando o sucesso contínuo da obra.

Dalal Achcar se orgulha de dizer que "Floresta Amazônica" é o

único ballet clássico 100% brasileiro, destacando-se tanto pela música quanto pela coreografia e montagem. Para ela, a obra, que há cin-

quenta anos encanta plateias, representa a vitalidade do ballet clássico, sempre atual, e a brasilidade que a permeia em sua essência.

Seu enredo narra o romance entre um homem branco e uma deusa da floresta, que se transforma em mulher por amor a ele. A paixão deles é considerada profana pelos indígenas, mas é essa mesma paixão que irá salvar a floresta da destruição causada por exploradores.

Carioca, Dalal Achcar iniciou seus estudos de balé com Pierre Klimov e teve uma grande influência de Madame Maria Makarova. Aperfeiçoou-se nas principais capitais da dança, como Paris, Nova York e Londres, e se tornou a mais importante educadora de dança do Brasil.

Como coreógrafa, assinou obras apresentadas em centros internacionais, como Los Angeles, São Francisco, Nova York, Hamburgo, Stuttgart, Tóquio, Havana e Santiago. À frente da Fundação Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Dalal estabeleceu um legado de produções de alta qualidade técnica e artística, incluindo "O Quebra-Nozes", "Coppélia", "Giselle", "Dom Quixote" e "Floresta Amazônica", além de trazer ao Brasil grandes companhias de dança, como o Royal Ballet de Londres e o Ballet da Ópera de Paris.

A Cia de Ballet Dalal Achcar, fundada pela coreógrafa em 2001, é formada por 18 bailarinos profissionais, traz em sua bagagem um vasto repertório técnico e artístico, onde Dalal combina técnica, emoção, identidade e afeto. A companhia se dedica a um repertório diversificado, incluindo tanto clássicos quanto obras contemporâneas de renomados coreógrafos nacionais e internacionais, além de explorar o trabalho experimental, sempre em busca do novo.

SERVIÇO

FLORESTA AMAZÔNICA
Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia)
De 20 a 23/3, quinta e sexta (20h), sábado e domingo (16h)
Ingressos entre R\$ 22,50 e R\$ 120

O ballet "Floresta Amazônica" celebra este ano meio século de existência, consolidando-se como um dos maiores marcos da dança nacional. A Cia de Ballet Dalal Achcar apresenta essa grandiosa montagem de quinta a domingo (20 a 23) no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Criada e assinada pela bailarina e coreógrafa Dalal Achcar, destaca-se por sua proposta inovadora que marcou a dança brasileira.

O espetáculo foi criado em 1975 a partir da fusão da música "A Floresta do Amazonas", de Heitor Villa-Lobos, com a sensibilidade artística de Dalal. Sua estreia no Municipal contou com a presença de Dame Margot Fonteyn e David Wall nos papéis principais. Em 1985, a versão em dois atos foi apresentada pela primeira vez e, desde então, continua a encantar o público, atravessando gerações. A